



Lula em seu  
primeiro discurso  
fora da prisão:  
forte e disposto

# 580 dias com ele

O ENCONTRO DO EX-PRESIDENTE  
COM A VIGÍLIA QUE NÃO ARREDOU PÉ  
DA FRENTE DA PF EM CURITIBA

por RENÉ RUSCHEL

RENÉ RUSCHEL





**O** Lula está tão bem, tão disposto, parece que chegou de férias. Ao invés de prisão, estava em um spa. Esse homem é uma verdadeira fortaleza.” O resumo é da professora catarinense Noeli Scheibner, moradora de Brusque, distante 240 quilômetros da capital do Paraná. Assim que o ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, proferiu o voto que garantiu a liberdade ao ex-presidente, ela tomou a decisão: iria a Curitiba para vê-lo deixar a cela que ocupou, na qual amargou 580 dias de solidão. “Esta é terceira vez que venho aqui. Cheguei cedo para participar do

‘bom dia’ (ao presidente Lula). Ele prometeu que, quando saísse da prisão, viria à Vigília agradecer. Eu tinha de estar aqui.”

Noeli não foi a única. Na noite anterior, findada a sessão do STF, uma centena de militantes correram até lá. Mas era tarde. No acordo judicial firmado entre os movimentos sociais e a vizinhança, ficou estabelecido que o limite máximo para a permanência na Vigília e uso de som venciam ambos às 19 horas. A deputada e presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Gleisi Hoffmann, foi a única a poder usar o microfone. Agradeceu à resistência de cada um. Rememorou o enorme papel da Vigília – erguida na mesma noite em que Lula adentrou o cárcere – no esforço por sua libertação. Prometeu manter a luta até que todos os seus direitos sejam restabelecidos. “Inclusive, que a sentença de Moro seja anulada”, completou. Agora, afirmou ela, era preciso dar corpo à mobilização para garantir que a Justiça se apressasse em conceder a absolvição completa de Lula.

Naquela sexta-feira 8, a professora catarinense juntou-se aos milhares que se aglomeraram nas cercanias da Superintendência da Polícia Federal, no pacato bairro do Santa Cândida, para a despedida do ex-presidente. Não foram poucos os que, durante todo esse tempo, fizeram da vigília sua morada ou ali compareciam quase diariamente. É o caso de Devonir Pereira Santana, professor da Universidade Federal do Paraná. Santana caminhava de um lado para o outro, ansioso pela hora de ver Lula deixando a

carceragem da PF pela porta da frente. “Já vivemos outras experiências e agora tenho de ver para crer”, dizia. Ele referia-se ao fatídico domingo 8 de julho de 2018, quando o desembargador Rogério Favreto, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região concedeu *habeas corpus* ao ex-presidente. Mas o então juiz Sérgio Moro, com a ajuda do mesmo TRF-4, manobrou para derrubar a decisão.

**N**estes quase 19 meses, Santana compareceu religiosamente à Vigília. Duas ou três vezes por semana, calcula. Fez do acampamento uma extensão da sala de aula. Gostava de conversar com os jovens sobre a importância dos governos de Lula à educação. “Um presidente que não concluiu o Ensino Médio, que costumava dizer que o único diploma que possuía era o de torneiro mecânico e, portanto, se considerava semianalfabeto, foi quem revolucionou a educação no Brasil.” No dia a dia, conheceu e conversou com pessoas vindas de todos os cantos do planeta. Com um entusiasmo juvenil, lembrou a história de um jovem sindicalista chinês que fora preso em 2003. Lula, à época presidente da República, manifestou publicamente sua solidariedade. O rapaz retribuiu vindo ao Brasil para se juntar aos manifestantes da Vigília. “Ele saiu de seu país e veio até aqui especialmente para gritar ‘Lula Livre’. Isso é um ato político, um gesto que demonstra que o espírito de solidariedade vai muito além das nossas fronteiras.”

O caminho para construir essa corrente além-mar não foi fácil, porém. Roberto Baggio, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Paraná e um dos coordenadores da Vigília, reconstituiu as etapas da luta travada para chegar a esse estágio. Lembrou que, em maio de 2017, quando veio depor pela primeira vez na Justiça Federal, Lula caminhou no meio do povo para chegar ao prédio onde seria ouvido. “Foi uma mobilização popular que arrastou milhares de pessoas. As

**PASSADA  
A EUFORIA COM  
O PLACAR DO STF,  
O CLIMA PESOU  
ATÉ QUE A DECISÃO  
FOSSE DE FATO  
CUMPRIDA**

forças policiais foram obrigadas a elaborar um plano especial de segurança para a cidade. Lula não se escondeu. Ao contrário, fez questão de mostrar ao País que era inocente, vítima de uma trama política arquitetada para impedir sua candidatura.”

Enquanto o povo o acompanhava no asfalto, os bairros de classe média alta estavam apinhados de apartamentos em cujas janelas repousavam bandeiras do Brasil. Em pontos de maior tráfego, *outdoors* davam boas-vindas a um Lula vestido de presidiário, atrás das grades, e avisavam ao visitante: ali era a “República de Curitiba”.

Em um desses redutos fica justamente o bairro do Ahú, sede do edifício da Justiça Federal. Era uma espécie de palácio da tal “República”. Ali, à época, o inquisidor-mor, então juiz Sérgio Moro, instalado em seu *bunker* vivia dias típicos de uma celebridade em ascensão. Freqüentador assíduo de bons restaurantes, cinemas, teatros e *shows* musicais, o Rei Moro não escondia a vaidade quando era reconhecido e ovacionado pelos súditos nas plateias. Ao final, sempre acompanhado da “conje”, a advogada Rosângela Wolff Moro, visitava o camarim dos artistas. Dois anfitriões foram Dinho Ouro Preto, vocalista da banda Capital Inicial, e Samuel Rosa, do Skank. As colunas sociais do reino nunca deixavam de estampar fotos e elogios.

**D**eltan Dallagnol, procurador da República e coordenador da Operação Lava Jato, foi mais discreto. Em vez de restaurantes e *shows*, fez seu *trottoir* pelos salões empresariais, nos quais emplacou caríssimas palestras. A escolha parecia mais afim aos seus interesses. Evangélico da Igreja Batista, Dallagnol sonhava em ser pastor. Em seu perfil nas redes sociais, o *golden boy* da Lava Jato deixava claro quais eram os alicerces da própria vida: “Seguidor de Jesus, Marido e Pai Apaixonado, Procurador da República por Vocaçao e Mestre em Direito por Harvard”. Segundo

ele, o combate à corrupção era “uma questão de amor ao próximo”. O que ninguém imaginava é que, em pouco mais de dois anos, o site The Intercept Brasil desnudaria o rei e toda a sua corte.

O capítulo mais importante dessa batalha ocorreu justamente na noite em que os ministros decidiram, por 6 votos a 5, derrubar a execução de pena após a condenação em segunda instância. Passada a euforia com a ordem do Supremo, o ambiente na Vigília Lula Livre era de enorme ansiedade. A dúvida era se a Justiça Federal da República de Curitiba, como já fizera em outras situações, iria protelar a expedição do alvará de soltura. Havia certa expectativa positiva, pois a juíza Carolina Lebbo, responsável pela execução da pena de Lula (e cujo histórico é de amplo desfavor ao ex-presidente), estava de férias. A decisão caiu nas mãos do juiz substituto, Danilo Pereira Júnior. Pela manhã, como faziam todos os dias, os advogados foram conversar com o ex-presidente. Desta vez para tratar de sua libertação.

No início da tarde, o advogado de defesa, Cristiano Zanin Martins, protocolou o pedido na sede da Justiça Federal, o mesmo local onde Lula foi condenado. Na saída, conversou com a imprensa. “Reiteramos o pedido para que seja restabelecida a liberdade plena do ex-presidente. Agora, vamos aguardar uma decisão. Pedimos urgência, que houvesse celeridade no processo. Agora depende exclusivamente do magistrado”, afirmou Zanin. Às 16h21, o juiz Pereira Júnior assinou o alvará que punha fim ao martírio de 580 dias.

**O ALVARÁ QUE  
PÔS FIM AO  
MARTÍRIO DE LULA  
SAIU ÀS 16H21.  
UMA HORA MAIS  
TARDE, ELE DEIXOU  
A SEDE DA PF**



Restava agora aos manifestantes aguardar o momento em que Lula deixaria o prédio da Superintendência da Polícia Federal para cumprir uma promessa: atravessar a rua, caminhar pouco menos de 50 metros até à Vigília para agradecer aos militantes e tomar um “gole de cachaça”. A multidão, em êxtase, espremiava-se nas esquinas. Fotógrafos e cinegrafistas se acotovavam nos cercados em busca do melhor ângulo. Nas janelas do prédio da PF, os servidores da casa se penduravam para melhor enxergar a sua saída. No estacionamento, outro grupo preparava seus celulares para registrar a cena. Enquanto isso, o policiamento ostensivo da Polícia Militar cercava o acesso ao portão por onde sairia o ex-presidente.

Na rua, um corredor polonês formado por integrantes do MST estendia-se desde a saída da PF até o palanque. Era por ali que Lula iria passar. Os gritos de guerra, as bandeiras tremulando e a euforia da multidão se intensificavam à medida que a hora fatídica chegava. Um céu carrancudo, típico do fim de tarde curitibano, ameaçava mandar chuva. Mas ninguém arredava o pé. Todos os olhos e câmeras estavam voltados para a portaria do prédio. De dentro do pátio da PF, junto à cerca, o agente Jorge Chastalo, que durante todo o período de prisão foi responsável pela segurança de Lula, acompanhava, de longe, a despedida do ex-presidente.

RENÉ RUSCHEL





Na espera pela saída do ex-presidente, ruas cheias e celulares em punho



Eram 17h40 quando Lula deixou a garagem do prédio da PF. Mais magro, trazendo blazer preto e camiseta azul. Cercado por advogados e aliados da política, o ex-presidente encaminhou-se para o portão, onde a filha Lurian, o neto Thiago e a namorada Rosângela Silva, a “Janja”, o aguardavam. Foram poucos segundos de afeto familiar. A multidão gritava “Lula Livre”, e em alguns prédios vizinhos, estampidos de fogos de artifício explodiam nos céus. O ex-presidente acenou para o povo e mirou o corredor. Foi o que bastou para o mar de gente que o aguardava avançar sobre os seguranças do MST e ocupar o espaço que deveria servir para a pas-

sagem tranquila do ex-presidente. No breve caminho até o palanque, Lula foi empurrado, abraçado, engolido, tragado pelo povo até chegar ao palanque. Depois de 580 dias em afastamento forçado do povo, pode sentir o calor dos que o apoiam e admiram outra vez.

No palanque, de microfone em punho, começou agradecendo às pessoas que ali estiveram durante todo esse tempo. “Vocês não sabem o significado de eu estar aqui com vocês. Eu que estive a vida inteira falando com o povo brasileiro, não pensei que um dia estaria aqui falando com homens e mulheres que durante 580 dias gritaram ‘bom dia, Lula’, ‘boa noite, Lula’. Não importava se estivesse choven-

do, 40 graus, zero grau. Todo santo dia vocês eram o alimento de democracia que eu precisava para resistir”, disse. Depois, nominou e agradeceu a todas as instituições e movimentos sociais que estiveram juntos nesse período de prisão.

**A**firmou que saía da prisão mais forte e pronto para lutar pelo Brasil. Mostrou indignação com o caos econômico e social que assola o País. “O povo está passando fome, está mais sofrido, trabalhando de Uber (*aplicativo de transporte*), de bicicleta para entregar pizza, está trabalhando sem o menor respeito”, lamentou. Finalizou o discurso dizendo que deixava o cárcere de espírito leve. “Saio daqui aos 74 anos e meu coração só tem espaço para o amor. O amor vai vencer neste país”. Passava das 19 horas quando, após conhecer as instalações da Vigília, distribuir abraços e tirar centenas de *selfies*, Lula entrou no carro para reviver a liberdade.

O microempresário Fernando Lopes, que chegou no dia 1º à Vigília Lula Livre e lá permaneceu, espremia-se na multidão. Ele recorda da primeira noite do fatídico 7 de abril que selara a captura de Lula. “Fomos recebidos a balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo”, conta. Quase 600 dias depois, ele mais uma vez foi testemunha ocular da história. “Ver o presidente Lula sair por aquele portão, livre, para resgatar a dignidade e os direitos que foram usurpados do povo brasileiro, é um momento histórico. Eu vivi a história e tenho orgulho de estar aqui neste momento”, comemorou.

No dia seguinte, a Vigília amanheceu em silêncio. Depois de 580 dias, pela primeira vez não se ouviram gritos de “bom dia, presidente Lula” nem de “Lula Livre”. As ruas estavam desertas. Não havia mais sinal do vermelho que coloriu o pacato bairro curitibano. Mas o eco desses brados já havia se espalhado pelo País afora. Agora, caberá à História narrar a verdade. •